

Crítica // A cor púrpura ★★

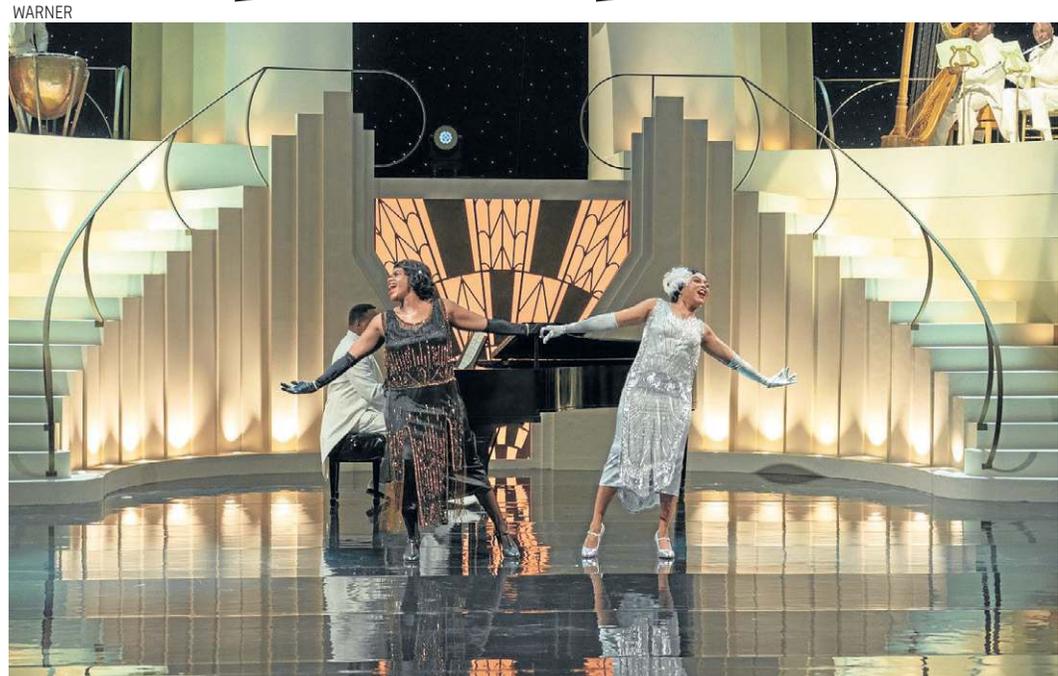
Marcada pela opressão

Sem nunca alcançar a qualidade do clássico eternizado por Spielberg, o novo *A cor púrpura* traz deslocada sonoridade e tom solar

Ricardo Daehn

A cor púrpura é praticamente um emaranhado a se desenlear, quando se pensa na origem de tudo: o novo filme, a cargo do diretor Blitz Bazawule, parte de um musical criado na Broadway há quase 10 anos. Mas foi há 42 anos, época em que a autora e ativista Alice Walker venceu, como a primeira afro-americana, um prêmio Pulitzer, que o romance (em que o musical foi baseado) *A cor púrpura* teve esmagadora relevância, comparável apenas à celebração em cinema que, num primeiro feito, consagrou o realizador Steven Spielberg e a então principiante atriz Whoopie Goldberg.

Em 1985, naquela adaptação, Spielberg se viu arrasado, entretanto, passando pelo constrangimento de 11 indicações para o Oscar e nenhum prêmio nas mãos (situação equiparável apenas a *Momento de decisão*, drama de 1977). Todo o enredo do filme gira em torno da possível libertação da submissa Celie (Fantasia Barrino) que, durante décadas, fica à mercê de Mister (o versátil Colman Domingo, exercendo a personificação do senhorio). Uma violenta separação de Celie e da irmã dela, Nettie, vai resultar no que move muito do filme: o



A cor púrpura: pouco a recomendar nesta nova versão

destino da truncada correspondência entre ambas. Junto com traições e perdões, o filme mostra relações incompletas e traz uma forçada cena de reconciliação, além de, vez por outra, descambar para deploráveis recursos dramatúrgicos.

Agora, o espectador se vê em frente a uma criação que tem produção de pesos pesados do entretenimento, com destaque para Walker, Spielberg, o músico Quincy Jones (autor da trilha do filme de 1985) e Oprah Winfrey (indicada ao Oscar, em meados dos anos de 1980, por papel na adaptação original). Sem as cores pastel e ocre, e o tom sombrio do primeiro filme, o cineasta Blitz Bazawule traz uma galeria de personagens (e atores) que se debatem num roteiro modulado de maneira nada coerente. Sofrimentos são atenuados e até apagados, as agressões e a tirania ficam estereotipadas e há brandas penalidades entre

os opressores. Tudo é diluído, e o musical parece deformado a fim de se tornar mais palatável para o público. Como no fiasco de outro musical (*O rei do show*), a montagem de Jon Poll, novamente, se mostra ineficiente.

Roteirista inexpressivo, Marcus Gardley remexe em escritos de Marsha Norman (de *Noite de desamor* e *Em terapia*), a autora do libreto (apoiado, claro, em Alice Walker). Entre os talentos técnicos envolvidos, o diretor de fotografia dinamarquês Dan Laustsen (*O beco do pesadelo* e *A forma da água*) ambienta tudo com imagens coloridas e bem inspiradas. Há um único número musical (com o ápice da letra de *I'm here*), em que Fantasia Barrino voa. Daí, quem roubou a cena foi a indicada ao Oscar Danielle Brooks que, com a solar Sofia, dá as cartas e ainda abraça uma trajetória revoltante no curso da trama. Taraji P. Henson, na pele de sensual

Shug Avery (papel clássico e sexy de Margaret Avery), tem lá seu momento quando entoa a inesquecível *Miss Celie's blues* (Sister). Ainda no quesito das músicas, vale ressaltar o uso dos blues nas vozes de Ethel Waters (a segunda atriz negra pinçada pelo Oscar, no retrato de uma avó, em *Pinky*, de 1949) e os vocais de Ma Rainey (feita no cinema por Viola Davis) e Louis Armstrong.

O filme conta com uma belíssima arte usada nos créditos finais e uma envolvente cena conjunta de atrizes, quando trazem a revolta liderada em ocasião de pretensa confraternização. Quem faz figuração de luxo é Louis Gosset Jr., no papel do avô de Harpo, personagem vivido sem destaque por Corey Hawkins (*Infiltrado na Klan*). Halle Bailey não tem muito a contribuir no papel da jovem Nettie e, menos ainda, H.E.R., à frente da quase invisível Squeak.